

**ORALIDADE:
OBJETO DE ESTUDOS
NO PROCESSO DE ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA**

Alessandra Mustafa da Silva (UFAC)

ale.mustafa@hotmail.com

Tatiane Castro dos Santos (UFAC)

RESUMO

Este artigo trata da importância do trabalho com a oralidade nas aulas de língua portuguesa na escola, uma modalidade da língua que, em algumas situações, vem sendo negligenciada na sala de aula. Nosso objetivo é observar a estrutura do texto oral (fala), enfatizar que se trata de um tema relevante e que deve ser trabalhado como objeto de estudo. Além disso, apresentamos uma proposta de intervenção metodológica que envolve situações de ensino a partir de textos orais. Para isso, são utilizadas como suporte teórico as definições de Vygotsky (2013) sobre a fala como produto da linguagem oral, quesito essencial ao processo de alfabetização. Utilizamos, ainda, discussões de Soares (1999) sobre as definições de letramento. Apoiamo-nos, também, em Ventola (2006), no que se refere a sua discussão acerca da estrutura e organização da fala. Assim, apresentamos neste texto o quão relevante é o trabalho com textos orais em sala de aula para o favorecimento da aprendizagem dos alunos e acreditamos que as atividades aqui propostas podem contribuir com o aprimoramento das habilidades dos alunos no que se refere ao uso da oralidade em determinados contextos sociais.

Palavras-chave: Linguagem. Oralidade. Ensino da língua portuguesa.

1. Introdução

O estudo da língua é complexo e envolve vários aspectos. No entanto, esses aspectos tornaram-se objetos de estudos que perpassam todo o processo de escolarização do indivíduo. Por isso, este texto, visa discutir a importância de se trabalhar a oralidade como objeto de estudo em sala de aula, com base na análise da estrutura dos gêneros textuais orais. Assim, buscamos lançar proposições, em caráter de sugestões, que possam contribuir com as práticas de ensino dessa modalidade da língua na escola. O que nos motivou a desenvolver este trabalho foi o interesse em saber algo mais sistemático sobre a modalidade oral no que diz respeito à utilização de sua estrutura e organização, bem como o fato dessa modalidade ter sido negligenciada nas aulas de língua portuguesa, apesar de ser tão importante, como por exemplo, tópico ou assunto, tipo de situação, papéis dos participantes, modo e meio do discurso que são expressos no ato da fala. E, que esses aspectos sejam trabalhados nas aulas de língua

portuguesa.

Para tanto, embasamo-nos, em autores como Vygotsky (*apud* BORTONI-RICARDO & MACHADO, 2013) que compreende a fala como produto da linguagem oral, e quesito essencial ao processo de alfabetização, pois é a partir dela que o aluno começa a atribuir e formalizar conceitos. Associada a essa discussão, apoiamo-nos em Soares (1999), em suas definições de Letramento, no que diz respeito à utilização eficiente de gêneros orais no meio ou na prática social. Marcuschi, (*apud* FÁVERO & ANDRADE, 2006) também se constitui como uma referência ao analisar a estrutura e organização da fala.

Apresentamos, ainda, as propostas dos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (1998), que trazem orientações acerca da importância de se trabalhar a linguagem oral nas salas de aula. Assim, este artigo está dividido em três capítulos, os quais passam a ser descritos a seguir, enfatizando-se a temática de que tratam e os pontos principais de cada um.

Na primeira seção, faremos uma abordagem sobre a necessidade de se desenvolver a oralidade durante todo processo de escolarização, pois não se trata de ensinar o aluno a falar e sim da escola ensinar o aluno como se estrutura a fala e que existem várias formas de comunicação oral. No segundo capítulo, veremos a questão da estrutura e organização da oralidade segundo Ventola (*apud* FÁVERO & ANDRADE, 2006), que propõe um modelo de organização conversacional a partir de conversações espontâneas, tendo como base: tópico ou assunto, tipo de situação, papéis dos participantes, modo e meio do discurso. Por fim, no terceiro capítulo, apresentaremos duas intervenções metodológicas que têm como tema o uso da linguagem oral.

Com a escrita deste artigo, objetivamos contribuir com a comunidade escolar de modo geral, propondo aos professores estratégias para serem trabalhadas em sala de aula. Além disso, tentamos levar os docentes a se conscientizarem de que a oralidade é também um objeto de estudo e que precisa ser tratada como tal.

2. O gênero oral no contexto escolar

Estudar a língua é um processo complexo. Em um passado não muito distante, a escola dedicava ao ensino de língua portuguesa apenas os fenômenos linguísticos voltados para os signos. Isso em decorrência do estudo da língua materna apenas como um conjunto de códigos. To-

davia, Saussure (2006) afirma e adverte ao mesmo tempo que a língua tem um lado individual (*parole*) e um lado social (*langue*), sendo impossível conceber um sem o outro. Temos, então, que a *langue* é a língua e a *parole* é a fala. A *langue* é necessária para que a *parole* seja clara e compreensível. A *parole* estabelece as futuras mudanças da *langue*. É tal a interdependência entre a *langue* e a *parole* que Saussure considera a *langue*, ao mesmo tempo, instrumento e produto da *parole*.

Assim, definir um objeto de estudo é um processo bastante complicado e, por isso, implica ultrapassar muitos desafios para estabelecer um parâmetro, nessa perspectiva ao considerarmos que a língua tem um lado individual e um lado social faz-se necessário observarmos a oralidade como objeto de estudo, com o objetivo de que nossos alunos possam se adequar nos vários níveis que envolvam a produção oral.

O meio em que vivemos é repleto de práticas sociais que envolvem a leitura e a escrita, com isso, os nossos alunos também estão inseridos nesse contexto oral e escrito desde que nasceram, seja no ambiente familiar, social ou escolar. A fala é mais corporal, mais direta, mais fascinante e fácil de manipular, o texto falado, por sua vez, emerge no próprio momento da interação e a partir daí são criados.

Contudo a história do ensino de língua portuguesa em nosso país caracteriza-se, em geral, pelo silenciamento, ou seja, está voltado para a variedade padrão escrita do idioma. Assim, deixa-se de lado a oralidade, habilidade fundamental para o desempenho linguístico dos falantes no mundo atual, já que foi convencionado que aquele que não se expressa bem oralmente tende a ficar em desvantagem no processo de inserção social. A supressão do ensino da oralidade se deu em decorrência da “super” valorização da escrita na sociedade atual. E, a partir dos anos 1990 foi que aquela modalidade passou a ser inserida no currículo do ensino da língua constituindo-se em um dos eixos de ensino, embora não goze, na prática, da mesma legitimidade da escrita.

Por outro lado, criou-se um pré-conceito de que a fala é o “lugar do erro”, que tudo pode e deve ser aceito. Entretanto, sabemos que não se trata de que “tudo pode”, mas de que temos as adequações que devem ser feitas em determinadas situações de uso da língua em meio a variados contextos sociais. É importante que isso seja ensinado aos alunos.

Com as novas propostas de ensino de língua materna, disseminadas principalmente nos últimos anos, por meio da divulgação dos avanços dos estudos na área da linguística, a importância da oralidade foi re-

conhecida. Apesar disso, na maioria das salas de aula, ela ainda não tem o espaço devido, o que pode comprometer o aprimoramento da competência linguística dos alunos.

Sendo assim, a fala é a base para o desenvolvimento do ser humano em diversos segmentos, e na escola não pode ser diferente, o aluno, quando inicia seu processo de escolarização, vem com uma variedade de conhecimentos que são expressos unicamente através da fala. Sobre isso Vygotsky (*apud* BORTONI-RICARDO & MACHADO, 2013, p. 53) diz:

A fala, produto da linguagem oral, quesito essencial ao processo de alfabetização, tanto expressa o pensamento da criança quanto age como organizadora desse pensamento. É o som que detém o poder, expressa crenças, valores, afeto, possibilita o trânsito no mundo da subjetividade das hipóteses, expressa a vida. Inserida num processo sócio-histórico, é a fala que determina o ser humano enquanto sujeito no mundo em que vive.

Como foi dito acima, a fala dos alunos pode ser entendida como o único meio de dar sentido às coisas e a sua própria existência no mundo, sua essência. Através da oralidade são feitas representações, são formados conceitos, significados, como se estivesse sendo criado um arcabouço de entendimento para comunicação do aluno.

E é nesse contexto que o professor deve intervir pedagogicamente para aprimorar e ampliar o uso da língua desenvolvendo a competência oral dos alunos. Competências essas que devem ser usadas com convicção no meio social pelos discentes. Não se trata de ensinar o aluno a falar – afinal, isso é algo que a criança aprende muito antes, principalmente com a família, mas mostrar-lhe como a fala se organiza e ensiná-lo a usar as formas orais em situações que nem sempre ele vivencia como por exemplo: debates, entrevistas, seminários, jornal falado.

Tais situações, partindo do ponto de vista do letramento, devem ser passadas para o discente de maneira que este perceba como se produz, como se emprega – em qual contexto – e no que determinadas formas da oralidade implicarão, o que representa para o sujeito dominá-las, o desenvolvimento dos seus níveis de letramento. Segundo Soares, (1999, p. 18): “letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar e aprender a ler e a escrever: o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”. A

relação oralidade/letramento¹⁹⁷ em nossa sociedade é constante, tendo em vista que escrita e fala se complementam nas práticas sociais cotidianas.

No entanto, o que temos é uma obstinação por parte dos educadores que se fixam na escrita, para resolver as questões relativas à alfabetização, é uma falha nas estratégias para o processo, que pode ter efeito contrário sobre os alunos, principalmente entre aqueles que provêm de ambientes pouco afeitos à leitura (texto escrito).

É necessário que haja mudança na prática docente, nas quais estejam inseridas situações de aprendizagem que envolva a oralidade, e que os professores acreditem que estas devem ser trabalhadas e que saibam aplicá-las. Sendo que tudo isso é um processo que vem se transformando ao longo dos tempos, pois a visão de ensino sistemático que tínhamos, até bem pouco tempo, era apenas a de ensinar o aluno a ler e a escrever. Como dito no início dessa seção, esse modelo de escola era representado, em parte, pela retórica clássica, na qual eram apresentados protótipos aos alunos a serem seguidos fielmente.

Entretanto, todo esse processo “tradicional” está sendo rompido com o surgimento de novas teorias que primam pela cognitividade, estímulo e autonomia do aluno através da relevância da linguagem e interação social. Corroborando com essa nova perspectiva, Schneuwly (2004) diz que cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral nas diversas situações comunicativas, especialmente nas mais formais. O autor defende que os gêneros da fala têm aplicação direta em vários campos da vida social – trabalho, relações interpessoais e política, por exemplo.

A afirmação do autor vai ao encontro dos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (1998), quando apresenta que a escola deve preparar o aluno para utilizar a linguagem oral nos diversos contextos, propondo situações em que essas atividades façam sentido, envolvendo, além do mais, regras de comportamento social.

Ensinar a língua oral significa, para a escola, segundo os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (1998, p. 67): “possibilitar o acesso a usos da oralidade mais formalizadas e convencionais, que exijam controle mais consciente e voluntário da enunciação, tendo em vista a importância

¹⁹⁷ Para maiores reflexões, consultar: KLEIMAN, A. B. *Preciso ensinar o letramento – Não basta ensinar ler e escrever*. Disponível em: <http://www.iel.unicamp.br/cefiel/alfalettras/biblioteca_professor/arquivos>. Acesso em: 10-07-2014.

que o domínio da palavra pública tem no exercício da cidadania”. Em outras palavras, possibilitar ao aluno formas de representar a realidade física e social, pensamentos e intervenções de diversas naturezas por meio da oralidade e de acordo com o domínio que a ocasião requer. Assim, ensinar a língua e sua modalidade oral não significa trabalhar a capacidade de falar em geral, mas sim desenvolver o domínio dos gêneros orais que apoiam a aprendizagem escolar da Língua Portuguesa e de outras áreas, os quais os alunos necessitam dominar para uso efetivo em diversas práticas sociais.

3. A organização da fala

Assim como existem peculiaridades na organização da escrita, na fala não é diferente, esta tem sua maneira própria de se organizar. Para Marcuschi, (*apud* FÁVERO & ANDRADE, 2006, p. 32), embora nas duas o sistema linguístico seja o mesmo para a construção das frases, “as regras de sua efetivação, bem como os meios empregados, são diversos e específicos, o que acaba por evidenciar produtos diferenciados”. Sendo assim, observaremos a seguir algumas peculiaridades da organização da fala. Mas, antes disso, é preciso que fique esclarecido que a oralidade tem que ser vista como um objeto de estudo e não mais como uma mera verbalização.

O primeiro passo para o estudo da fala é a análise de como acontece a conversação, pois esta é uma ação desenvolvida através da interação de dois ou mais interlocutores que se sucedem repetidas vezes, falando sobre temas diversos. As falas são organizadas em turnos que se alternam podendo ser considerados relativamente simétricos ou relativamente assimétricos.

Em relação ao turno relativamente simétrico, podemos considerar a situação de diálogo no qual os envolvidos têm o mesmo direito de tomar a palavra, mudar de assunto espontaneamente – conversa entre amigos – por exemplo. E em se tratando do turno relativamente assimétrico, a conversação é conduzida por um dos interlocutores que decide as mudanças de tópicos, por exemplo. Ventola (*apud* FÁVERO & ANDRADE, 2006) propõe um modelo de organização conversacional a partir de conversações espontâneas, tendo como base: tópico ou assunto, tipo de situação, papéis dos participantes, modo e meio do discurso.

Para a autora, o *tópico* ou *assunto* é um meio de estabelecimento e

manutenção dos relacionamentos sociais, já que abre e mantém o canal de comunicação, propiciando o contato entre os participantes. Em relação à *situação*, observa que se trata de um encontro face a face e, embora o assunto pareça ser comum e em alguns casos até superficial, os participantes precisam estar atentos as atividades verbais e não-verbais, pois não somente o que está sendo falado, mas a situação em que se fala pode afetar a conversação.

Quanto aos *papéis dos participantes*, salienta que, como participantes de situações sociais, somos requisitados a nos comportarmos de um modo particular numa determinada situação e de modo diferente em outra. Assim, podemos desempenhar simultaneamente vários papéis; entretanto, um dos papéis sociais destaca-se e determina que tipo de fala devemos usar em uma situação social particular.

O autor destaca, ainda, que o *modo* do discurso é determinado pelo propósito da interação e dele decorre, por exemplo, um grau maior ou menor de formalidade. Assim, tende a ser formal um contexto em que se tem uma solicitação de emprego e informal uma conversa entre dois adolescentes no pátio da escola. Já em relação ao *meio*, este corresponde ao canal de comunicação pelo qual a mensagem é transmitida oralmente, seja face a face, via telefone, internet etc.

Observamos que o modelo apresentado acima é uma comparação com processo de comunicação. Em síntese, a ação comunicativa tem os seguintes aspectos: situação em que se dá o evento de fala, tema do evento (tópico), grau de preparo dos participantes necessário para a efetivação do evento, relação entre os partícipes e canal utilizado para a realização do evento.

Fazendo um paralelo com a estrutura da escrita, a fala também tem suas estruturas bem definidas e são importantes para que haja a comunicação oral. Não necessariamente essa estrutura é organizada no ato da fala, em uma entrevista, por exemplo, a escolha do entrevistado, as perguntas e os objetivos são pré-estabelecidos.

Trazendo para a realidade docente, o trabalho com a oralidade pode e deve ser muito bem explorado nas salas de aulas. Como já foi dito no início desse trabalho, "cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral nas diversas situações comunicativas, especialmente nas mais formais" *Parâmetros Curriculares Nacionais*, (1998, p. 27), visando o aprimoramento dessa linguagem.

4. Intervenções metodológicas

De acordo com o que discutimos nas seções anteriores, a oralidade é um eixo dentro do ensino da língua que deve ser observado como objeto de estudo. Dessa forma, dentre as várias possibilidades para se trabalhar com os gêneros orais na escola, nos debruçamos em uma pesquisa *on line* realizada em uma revista de auxílio pedagógico (*Revista Nova Escola*), e como resultado selecionamos algumas atividades que podem ser desenvolvidas nas aulas de língua portuguesa, as quais passamos a apresentar a seguir.

A escolha da atividade 1 foi para que os alunos percebam que tanto a escrita quanto a oralidade têm sua formulação e realização distintas.

4.1. Atividade 1

Título: Edição de textos orais e escritos.

4.1.1. Objetivos

- Identificar características dos gêneros oral e escrito e observar suas diferenças.
- Desenvolver os diferentes gêneros da oralidade.

4.1.2. Metodologia

1ª etapa

Apresentação do livro *O Casamento Suspeitoso* aos alunos. Peça que observem a estrutura do texto e a forma como ela é adequada para o teatro, com marcas de oralidade. Realize uma pesquisa prévia sobre os programas de edição necessários para a sua realização. Promova a audição de alguns *podcasts* disponíveis na internet para que todos se familiarizem com os vários gêneros que aparecem nos programas, como entrevista e debate. Explique que o objetivo do trabalho é realizar, em grupo, *podcasts* sobre a vida e a obra do autor. Divida a turma em grupos e peça que pesquisem informações sobre Suassuna em sites confiáveis e nos livros do próprio autor. Os textos servirão de base para a elaboração dos roteiros.

2ª etapa

Após a coleta de dados, oriente a seleção de material. Ajude a turma a eleger os elementos principais (quem é o autor, onde nasceu, que obras escreveu etc.), isolando informações com menor destaque, com comentários pontuais.

3ª etapa

É hora de escrever o roteiro do programa. Deixe claro que o *podcast* leva ao ambiente virtual as práticas do rádio: é preciso estruturar uma dinâmica ágil. Oriente a escolha do gênero a ser desenvolvido (como entrevista e programa de perguntas e respostas). Cada grupo deve organizar as informações da pesquisa para compor o roteiro adequado ao público ouvinte.

4ª etapa

Depois de escrever o roteiro, começam os ensaios das gravações com apoio dos gravadores. Intencionalmente, deixe os estudantes observarem que algumas das passagens escritas não se encaixam na dinâmica do *podcast*. Oriente-os a readequar os textos. É importante que eles também entendam que não se trata de decorar, e sim de trabalhar a linguagem.

5ª etapa

Para as gravações, deixe todo o equipamento ao alcance dos alunos e diga que é válido incrementar os programas com músicas para dar um ar mais "profissional". Estipule o tempo máximo de cada programa. E, depois da edição final, disponibilize o conteúdo à comunidade escolar e publique o material na *internet*.

4.1.3. Avaliação

Para que o produto final tenha um resultado de qualidade, é importante fazer uma análise do conteúdo e dar novas orientações à turma ao fim de cada uma das etapas. Avalie o material coletado e a seleção de informações, além da readequação delas ao gênero oral escolhido pelos

alunos. Leia e reflita com a turma acerca dos roteiros elaborados e observe se as propostas se encaixam no formato escolhido. Analise as conclusões dos estudantes sobre os trechos que precisam ser adaptados, diferenciando, assim, texto oral e texto escrito levando em consideração a estrutura do texto oral.

4.1.4. Resultados esperados:

Arquivos de *podcasts* a serem compartilhados na *internet*.

Na atividade a seguir observaremos como nossos alunos se portam diante de um debate, observando a organização dos turnos de fala ou se houve monopólio da fala de alguns participantes; se os tópicos foram mantidos ou se foi inserido outro assunto. Observaremos também, como os alunos se portam diante do posicionamento dos colegas sobre o assunto discutido.

4.2. Atividade 2

Título: Debate

4.2.1. Objetivos:

- Aprender a planejar textos orais em situações comunicativas simuladas.
- Refletir sobre seminários e formas de apresentação.

4.2.2. Metodologia

1ª etapa

Informe seus alunos que eles irão participar de um debate sobre um assunto bastante controverso. Pergunte se eles conhecem o dito popular "achado não é roubado, na porta do mercado". Converse sobre eles sobre o significado desse dito e proponha que troquem opiniões sobre o assunto.

Flexibilização para deficiência visual

Pergunte ao aluno se ele sabe o que é um debate, amplie seus conhecimentos explicando as regras, a importância de um texto que apoie a fala e como as pessoas devem se comportar. Combine com a turma de cada um dizer seu nome, assim como é feito fora da escola, antes de dar sua opinião. Dessa forma, ele poderá acompanhar melhor o debate.

2ª etapa

Entregue notícias, extraídas de sites ou jornais, sobre pessoas que encontram objetos e valores e devolvem aos seus donos. Antecipe o assunto dos textos e pergunte o que eles pensam sobre isso. Explique que essa é uma discussão moral importante e que todos, em algum momento, se perguntam o que fariam em uma situação como essa. Leia em voz alta e proponha uma discussão sobre os sentidos do texto lido. Ajude a recheá-lo de informações e relacione com outras experiências do repertório das crianças. É importante que todos compartilhem suas opiniões, dúvidas, impressões, que possam relacioná-las com fatos vividos por eles ou familiares. Solicite que ampliem as ideias conversando em casa com os familiares sobre o assunto.

3ª etapa

Divida a classe em grupos de quatro alunos, dando a alguns a tarefa de defender a devolução de valores ou objetos achados e a outros a missão de defender a apropriação por aquele que achou. Deixe claro que eles não estarão defendendo posições pessoais sobre o assunto, mas argumentado sobre essas ideias. Peça que discutam entre os integrantes do grupo primeiro. Proponha que um aluno registre os argumentos levantados pelo grupo, para ajudá-los na hora do debate, e as perguntas que poderão ser feitas aos grupos que defenderão a posição contrária.

4ª etapa

Pergunte aos alunos se eles já assistiram a algum debate e se lembram como as pessoas se comportam nesses momentos. Para repertoriar a turma, passe um vídeo de um debate gravado ou leve-os para assistir a um. Em classe, elabore coletivamente uma lista de expressões que devem ser usadas na hora de debater, como: "concordo porque...", "discordo porque...", "concordo com fulano porque...", discordo em parte desta

opinião..." etc. Discuta as regras do debate: quanto tempo terá cada grupo para defender sua posição, como serão as intervenções do grupo opositor.

5ª etapa

Realize o debate e, se possível, registre-o em DVD para que os alunos possam vê-lo, tendo a possibilidade de aprimorarem a discussão em outra ocasião. Ao apresentar o debate filmado, faça algumas paradas para a descrição das cenas que estão sendo mostradas.

4.2.3. Resultados esperados

Debate entre os alunos.

4.2.4. Avaliação

Observe o desempenho da turma em relação a algumas questões: o aluno respeita os combinados formulados na organização do debate? Mostra-se interessado em debater? Contribuiu com ideias no momento do planejamento? Usa as expressões típicas da organização da fala em situações de debate? Escuta com atenção e interesse os argumentos dos colegas?

5. Considerações finais

Como se pode observar durante as discussões e reflexões propostas neste artigo, a oralidade foi desprestigiada nas aulas de língua portuguesa durante muito tempo, pois o pensamento atrelado a esse objeto de estudo da língua é de que os alunos já sabem falar, portanto não é necessário que se ensine, nas aulas de língua materna, tal modalidade. Outro conceito estabelecido acerca da oralidade (fala) é de que a fala é o “lugar do erro”, que devemos aceitar, na oralidade, determinadas sentenças que são estruturadas erroneamente. Existem as variações linguísticas, porém devemos mostrar aos nossos alunos as adequações que devemos fazer do uso da fala, não falamos de qualquer forma em todos os momentos.

Contudo, o estudo da fala, assim como qualquer campo de estudo, tem sua forma de organização, como por exemplo, a conversação é uma ação desenvolvida através da interação de dois ou mais interlocutores que

se sucedem repetidas vezes, falando sobre temas diversos. As falas são organizadas em turnos que se alternam podendo ser considerados relativamente simétricos ou relativamente assimétricos. E estão organizadas a partir de conversações espontâneas, tendo como base: tópico ou assunto, tipo de situação, papéis dos participantes, modo e meio do discurso.

Com base nessas discussões, propomos duas atividades que podem ser trabalhadas nas aulas de língua portuguesa visando o aprimoramento da oralidade de nossos alunos, de modo que os gêneros orais sejam, de fato, instrumentos de ensino da língua materna

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Rubem. Entrevista: A oralidade que faz escrever. *Revista Educação*. Edição 210, de outubro de 2014. Disponível em: <<http://revistaeducacao.uol.com.br/textos/146/artigo234592-1.asp>>. Acesso em: 06-11-2013.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris; MACHADO, Veruska Ribeiro (Orgs.). *Os doze trabalhos de Hércules*. São Paulo: Parábola, 2013.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O.; AQUINO, Zilda G. O. *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*. São Paulo: Cortez, 2006.

KLEIMAN, A. B. *Preciso ensinar o letramento? Não basta ensinar ler e escrever?* Disponível em: <http://www.iel.unicamp.br/cefiel/alfaletas/biblioteca_professor/arquivos>. Acesso em: 10-07-2014.

MORAES, Jorge Luiz Marques de. Literatura e podcast. *Nova Escola*. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/literatura-podcast-475891.shtml>>. Acesso em: 05-11-2013.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

_____. *Escritos de linguística geral*. Org.: Simon. Bouquet e R. Engler. Trad.: Carlos Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2002.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

VELIAGO, Rosângela. Aprender a debater. *Nova Escola*. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/aprender-debater-611555.shtml>>. Acesso em: 12-11-2013.

VERLI, Lorena; RATIER, Rodrigo. Oralidade: a fala que se ensina. *Nova Escola*. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/fala-se-ensina-423559.shtml>>. Acesso em: 06-11-2013.